

GÊNERO E EDUCAÇÃO INFANTIL: A CONTRIBUIÇÃO DE EDUCADORES NA FORMAÇÃO DE MENINAS E MENINOS.

Creusivan Carvalho Nolêto

Universidade Federal do Maranhão; creusivan@hotmail.com

GÊNERO E EDUCAÇÃO INFANTIL: A CONTRIBUIÇÃO DE EDUCADORES NA FORMAÇÃO DE MENINAS E MENINOS¹.

Creusivan Carvalho Nolêto.
Graduada em Licenciatura Plena em Pedagogia
Universidade Federal do Maranhão - UFMA

Resumo

Este trabalho objetiva investigar quais os valores e critérios utilizados pelos educadores quando se posicionam em relação à questão de gênero na educação infantil; mostrando a visão de educadores em diferentes níveis de ensino sobre a perspectiva da educação de meninas e meninos em processo de formação. Utilizando como referencial teórico os estudos de gênero, a partir de diferentes conceitos como gênero, sexo, sexualidade, identidade e poder. Foi possível constatar que apesar de todo investimento para normatizar as crianças em padrões de conduta homogêneas, existem aqueles e aquelas que transgridem as fronteiras dos significados determinados nas discussões sobre gênero e com essa constatação surge à necessidade de uma maior inserção dos educadores na discussão, no que concerne às diversas nomenclaturas e possibilidades de construção de novas subjetividades no modo de ser homem e mulher.

Palavras-chave: Gênero. Educação. Sexualidade.

¹ Trabalho de pesquisa monográfica apresentada ao curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão UFMA/CCSST, em cumprimento às exigências para obtenção do grau em Licenciatura Plena em Pedagogia.

1 INTRODUÇÃO

Buscamos entender gênero como um conceito central, tomando por referência os aspectos culturais e sociais das relações entre os sexos, em oposição a simples diferenciação biológica sexual. Trata-se de uma temática inserida na área da educação, mais especificamente, na Sociologia da Educação, como uma construção relacional. Considerando que a forma de ser menino ou menina é caracterizada por alguns papéis pré-determinados faz-se necessário discutirmos essas condições uma vez que tais associações podem ser equivocadas levando em conta que os indivíduos podem se sobressair às homogeneizações à medida que se percebem não como agentes passivos, mas como agentes transformadores de si e do outro.

Os objetivos da pesquisa foram investigar quais os valores e critérios utilizados pelos educadores quando se posicionam em relação à questão de gênero na educação infantil; e mostrar a visão de educadores em diferentes níveis de ensino sobre a perspectiva da educação de meninas e meninos em processo de formação.

2 CONTEXTO HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO DE GÊNERO

As discussões a respeito de gênero, muito constantes nos dias de hoje, emergem do diálogo entre os movimentos feministas, das teorias e pesquisas nas diversas áreas como da sociologia, antropologia, história, entre outras. Em qualquer uma dessas áreas a discussão sobre gênero é riquíssima.

Uma de suas precursoras, que trouxe a ideia central do conceito de gênero, foi *Simone de Beauvoir*, que em 1949 escreveu o livro “O Segundo Sexo”. É dela a famosa frase “não se nasce mulher, torna-se mulher”.

No Brasil as questões de gênero ganharam maior projeção por volta do ano de 1970, com as lutas em torno da problemática da condição feminina, anistia, custo de vida, por creches, voto, dentre outros; na educação surgiram os estudos sobre os processos de socialização das meninas e o estudo do sexismo nos livros didáticos. Outra contribuição marcante foi o texto de Joan Scott (1986), intitulado “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”, texto esse de referência clássica.

Definir um conceito impar e intransigente sobre gênero seria no mínimo inviável, uma vez que este termo se constitui em face de inúmeros processos de construção e reconstrução de significados moldados e aprimorados conforme um dado momento

histórico-político-social, resultante das experiências e da história de vida de cada sujeito, tomando como diferenciador desses significados suas singularidades.

Déborah Tomé Sayão (2010, p. 69) expõe que as relações de gênero são entendidas “[...] como uma construção social pelas quais é possível compreender como hierarquia, diferença e poder se moldam, conformam, instalam e atuam nas identidades e nos espaços institucionais”. Assim,

[...] É indispensável que reconheçamos que a escola não apenas reproduz ou reflete as concepções de gênero e sexualidade que circulam na sociedade, mas que ela própria as produz, podemos estender as análises de Foucault, que demonstraram o quanto as escolas ocidentais se ocuparam de tais questões desde seus primeiros tempos, aos cotidianos escolares atuais, nos quais podemos perceber o quanto e como se está tratando (e constituindo) as sexualidades dos sujeitos. [...]. (LOURO, 2008, p. 80-81).

O conceito de gênero é muito mais complexo e amplo. Paralelamente, complementa-se o entendimento no qual a escola é, entre outras instituições, um espaço privilegiado de formação cidadã e, claro, um espaço de luta contra qualquer espécie de preconceito.

3 METODOLOGIA, ANÁLISE E RESULTADOS

Apresentamos neste capítulo a metodologia utilizada para obtermos as informações necessárias à validação da nossa pesquisa. Bem como os instrumentos utilizados como ferramenta necessárias ao fim proposto pela mesma, além da análise e resultados à luz de alguns teóricos/estudiosos como forma de validar a metodologia, instrumentos, análise e resultados obtidos em nossa investigação.

3.1 Metodologia e instrumentos

A pesquisa realizada foi, inicialmente, bibliográfica seguida da pesquisa de campo com a utilização de questionário aplicado com adultos “educadores” e entrevista direcionada às professoras da Educação Infantil em uma escola da rede municipal de Imperatriz. O questionário semiestruturado foi aplicado a 136 (cento e trinta e seis) participantes, cujo critério era ser adulto, preferencialmente, com filhos.

3.2 Análise e resultados da pesquisa

Nesta seção, discutimos alguns dados coletados, tanto nas entrevistas como nos questionários e apresentamos os resultados obtidos da análise desses dados. Por fim, analisamos as atividades a partir de dados qualitativos, coletados na entrevista e, também, nos questionários verificando se eles confirmam ou não os objetivos da pesquisa.

3.2.1 Gênero e educação na concepção das professoras da Educação Infantil

Na primeira abordagem foi questionado às professoras qual o entendimento destas em relação a gênero, ou seja, o que entendiam sobre educação de gênero. A professora P1 diz que “hoje em dia é um termo bastante discutido. Por educação de gênero entendo ser uma educação voltada para a aceitação das diferenças, em especial, das diferenças de sexo”, e a professora P4 expõe que “gênero é um termo bastante complicado. [...] O pessoal está fazendo essas opções de escolha por moda. [...]. Esse desvio de conduta não só das crianças e jovens, mas dos adultos está sendo mais incentivada pela mídia”.

Os relatos acima nos oferecem um panorama do grau de entendimento destas professoras em relação à educação de gênero. Podemos deferir dos mesmos algumas ideias relevantes, uma vez, observado em suas falas o entendimento que as mesmas possuem em relação à educação de gênero na escola. As crenças enfatizam que as ações educativas são iguais é uma mistura sobre a formação de meninas e meninos em decorrência da própria natureza “que aflora” e a influência da moda e da mídia. Assim,

[...] construir e reconstruir os aspectos que norteiam a cultura infantil é papel fundamental das profissionais na educação infantil e [...] na atuação com os/as pequeninhos/as. Para tanto, é necessário que as professoras sejam capazes de, empaticamente, fazer a leitura das linguagens infantis, colocando-se disponíveis, corporalmente, para compreenderem seus sentidos e significados. Isso passa por um processo de formação que precisa tentar vencer algumas barreiras culturalmente impostas ao sexo feminino, especialmente aos corpos femininos. (SAYÃO, 2002, p. 61).

Passamos, então, ao próximo questionamento feito as mesmas professoras. Quando indagadas a respeito de como deve ser a educação de meninos e meninas dentro da escola. Obtivemos as seguintes respostas, como segue: P1: “Dentro da escola eu acredito em uma educação igual para ambos, meninos e meninas, pois a aprendizagem não se dá a meu ver em diferentes níveis por conta das diferenças de

sexo”. Enquanto que a professora P4 nos coloca que “Dentro da escola a educação de meninos e meninas *deve ser igual* até certo ponto, diferenciada em outros. [...]. É uma construção que vem de casa. E, na escola, a gente tenta modificar e até que consegue, mais é complicado”.

Consideramos que não há um consenso sobre a educação de meninas e meninos, pois alguns educadores defendem um caráter mais igualitário e outros um acompanhamento mais assistido com destaque para uma diferenciação nas atividades escolares envolvendo meninas e meninos.

3.2.2 A visão de gênero na concepção dos demais investigados

Em relação ao questionário, este foi estruturado em duas partes. A primeira parte trata de identificar o perfil dos respondentes com perguntas direcionadas a fornecer informações a respeito da sua estrutura familiar, tipo de educação, grau de escolaridade, profissão, idade, sexo e outros. Na segunda parte surgem as perguntas que questionam sua posição a cada uma delas, no tocante, a educação de meninos e meninas em relação à questão de gênero na educação.

Assim, faremos nossa verificação utilizando as questões de nº 17, 18 e 20 do questionário, cujos posicionamentos são divididos em item (a) e (b), respectivamente, a favor ou contra. Nelas questionamos se **“A educação escolar para meninas exige uma programação e um trabalho curricular diferente em relação aos meninos”**; **“A educação para meninas e meninos deve ser a mesma no ambiente escolar”**; e **“A educação para meninas e meninos deve ser a mesma no ambiente familiar”**.

Verificamos que, quase a totalidade dos respondentes mais, precisamente, 128 foram contra o primeiro posicionamento, enquanto que o contrário se deu nos itens 18 e 20, onde, respectivamente, cento e vinte e sete (127) e cento e trinta e seis (136) respondentes se mostraram a favor de uma educação escolar e familiar igualitária. Constatamos ainda, que dessa totalidade, todos/as os/as quarenta e dois (42) professores/as foram contra a primeira afirmativa e de trinta e seis (36) a quarenta (40) a favor da segunda. Assim, podemos deferir que a escola é um dos vários espaços sociais ocupados por meninas e meninos onde deve haver uma educação igual para ambos.

Os sujeitos ao nascerem trazem consigo características biológicas que determinam sua vivência como homem ou mulher na sociedade. Porém outras características podem levar estes a se constituírem em oposição ao biológico, uma vez que os:

Sujeitos masculinos ou femininos podem ser heterossexuais, homossexuais, bissexuais (e, ao mesmo tempo, eles também podem ser negros, brancos, ou índios, ricos ou pobres etc.). O que importa aqui considerar é que — tanto na dinâmica do gênero como na dinâmica da sexualidade — as identidades são sempre *construídas*, elas não são dadas ou acabadas num determinado momento. As identidades estão sempre se constituindo, elas são instáveis e, portanto, passíveis de transformação. (LOURO, 1997, p. 27).

A escola como sabemos não é neutra, por consequência a educação também não. Fechar os olhos para as diferenças, para as singularidades de cada sujeito, é reforçar o sexismo, excluindo assim aqueles e aquelas que não se encaixam nos “padrões” determinados e consagrados pela sociedade. Destarte, chegamos ao final desta seção certos de que há muito mais a ser estudado sobre educação de gênero, não somente, na Educação Infantil, mas em todos os níveis escolares.

CONCLUSÃO

Concluir esta pesquisa não é uma tarefa fácil, visto que muito ainda se tem a dizer. Chegamos ao final dessa pesquisa com um olhar mais aprofundado a respeito das construções de gênero, das várias formas de se tornar homem e mulher, das várias maneiras de se viver a sexualidade.

Durante a coleta dos dados, podemos constatar a dificuldade das professoras da Educação Infantil em traçar um conceito de gênero e/ou educação de gênero, visto que o assunto, ainda, se encontra em um emaranhado de significados de certa forma polêmicos. Acreditamos que isso ocorra devido à falta de conhecimento do assunto e, também, por existir uma barreira muito grande quanto a discussão do mesmo na escola. Porém esse entendimento não é generalizado.

Enfim, como saber no início do caminho qual direção mais acertada a tomar. Uma vez finalizado, mais não concluído, pois conclusão não cabe aqui, outros olhares e outros caminhos podem ser traçados a partir da pesquisa em pauta. Desse modo, esperamos que o estudo realizado possa contribuir para outras discussões e problematizações a respeito da temática abordada nessa pesquisa.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**: fatos e mitos. 4ª ed. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão européia do livro, 1970.

BRASIL. **Referencial curricular nacional para a educação infantil** / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. 3 vol. Brasília: MEC/SEF, 1998.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 6 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

_____, **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 10 ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

SAYÃO, Déborah Thomé. **Corpo e movimento**: notas para Problematizar algumas questões relacionadas à educação infantil e à Educação física. Rev. Bras. Cienc. Esporte, Campinas, v. 23, n. 2, p. 55-67, jan. 2002. Disponível em: <<http://rbceonline.org.br/revista/index.php/RBCE/article/view/270>>. Acesso em: 10 mar. 2015.

_____, Déborah Thomé. **Não basta ser mulher... não basta gostar de crianças...** "Cuidado/educação" como princípio indissociável na Educação Infantil. Educação, Santa Maria, v. 35, n. 1, p. 69-84, jan./abr. 2010. Disponível em: <<http://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/1604>>. Acesso em: 10 mar. 2015.

SCOTT, Joan Wallach. **Gênero**: uma categoria útil de análise histórica. Educação & Realidade. Revisão de Tomaz Tadeu da Silva. vol. 20, n. 2, jul./dez. pp. 71-99. Porto Alegre: Pannonica, 1995.